



Queluz, 4ª feira, 6

João,

Chumbei a Matemática por tua causa. Não te desculpo. A tua carta, com a solução do tal problema, até chegou no dia do exame, mas já deverias saber que o carteiro passa sempre por volta das 10. E era tarde demais: enunciei bem, mas espalhei-me no resultado. Contigo foi ao contrário: acertaste no resultado, mas falhaste no «Correio Azul». Azul, percebeste?

A véspera para mim, é para ti o dia seguinte. E este é que é o problema que, agora, se coloca entre nós. Ou terás tu a solução?

Dirás, já sei, que foi esquecimento, que até nem saíste com a Sara, que agora vais ficar pior que estragado, pronto. Mas, por favor, não venhas dar música, que o selo era mais caro, que tinhas mesmo à justa para o transporte e que há três dias que não cheiras a cantina.

O resultado é só este: lá teremos de casar um ano mais tarde. Tudo bem. Estou mesmo mosca e esta carta vai, depois, em correio normal. Logo à noite, vou ao concerto dos «Pearl Jam». Não, ainda não sei com quem.

Claro que a minha mãe pensa que foi por falta de explicador. Mas, já ontem, mandou umas bocas, que o João sempre foi aluno de 20 e que lá por estar em Coimbra, bem podia explicar e tirar dúvidas e tal, em vez das novelas diárias de beijos e abraços, ao quilo, que só dão trabalho aos carteiros. Está sempre a dizer que a malta nova já nem sabe escrever uma carta de amor como deve ser. Topas a cena.

Tenho andado com dor de garganta, o médico diz que é um vírus – mas que não se pega por carta. O meu irmão também apanhou e até está de molho.

No domingo, foi o jantar de despedida daquela stôra que tem o descapotável cinzento, era malta só do 10º, foi quase a turma toda, menos o Fred «Bisnaga» que tem andado de trombas e faz fitas por causa da Mimi que se passou de minis e bagagens para o Betinho da Farmácia. Foi um balúrdio, a coisa foi a dividir por 19, porque 6 arrancaram à papo-seco, que estavam enjoados, e 2 declararam-se completamente lisos, que foi só por distração, até deram a palavra de honra e tudo.

Olha, João, agora sobre nós. O que pensas tu do amor? E dos caminhos do amor? E das voltas que este papel vai dar até chegar às tuas mãos? «Joaninha voa, voa...»

Tu sabes, João, tu sabes que amar é como pintar: a coisa começa, hoje um risco, logo uma nódoa de bâton, depois um gelado, qualquer dia outra promessa verde, tudo misturado com grandes verdades e um tudo nada de aldrabices (aquí penso só em ti), com frequência o rimel escorrido cara abaixo, quando é preciso chorar. O amor são riscos sobre a tela da vida. Sempre o risco. Apesar de só conheceres o caminho de casa para a Faculdade, como repetes, nas últimas três cartas. Olha, sem aquela miserável centésima, ainda agora aqui estarias, longe das matulonas da Faculdade que «nada te dizem». Que latosa, meu querido!

Tento, em cada dia, ensinar-te o amor. Repara: de todas, a disciplina do amor é aquela que requer mais tempo, mais estudo, mais amor. E será das poucas que, com êxito quase certo, se pode ir fazendo por correspondência, aos poucos, devagarinho. Depois, um dia, pesam-se as palavras, uma a uma, juntam-se as cartas, soma-se tudo. E nenhum pode ficar a perder. Vê bem, quando duas pessoas atinam, o resultado será sempre $1+1=1+1$. Nunca 1! Nunca 2! E, nesta matemática, sou mesmo imbatível, podes crer. Está na hora de jantar. Até já.

Voltei. São quase 10 da noite, olho o céu, é quarto-crescente, a tv boceja, vou à varanda, a noite é morna, torno ao quarto e reparo. Reparo no poster, no retrato, na boneca, nos trapos, nos pequenos-nadas e estás em tudo. Sento-me na cama, às voltas com as cartas, as tuas cartas, que releio e torno a ler, tento dormir, esforço-me, perdi 300 gramas em 16 dias, amanhã visto esta blusa e estas jeans. Pressinto o teu olhar, prendo o cabelo, quero prender-te, abro a mão, os dedos, quase durmo, fico triste. O Mercury morreu, o Pessoa morreu, o Guevara morreu. Mas ainda massajam a celulite mental. Fazem bem à gente.

Abrevio. Sabes bem que, depois de ti, o carteiro é a pessoa mais aguardada do mundo. Por ser carteiro. Mas também por ser meu pai. Coitado, custa-lhe sempre entregar as cartas más, as contas, a factura do telefone, os parafusos da vida. Mas diz sempre que o amor dentro das cartas vai mais acautelado.

Adormeço e rezo. Himalaias de beijos.

Boa-noite, meu amor.

Ana Luísa

Ana Luísa Real Manso, 15 anos
Rua Conde de Tomar, 11-5º Dtº
Damaia 2720 – 129 Amadora